

Comentário a
“Como as Palavras Mudam de Sentido” (II)¹

JEAN-FRANÇOIS BERT

Antoine Meillet (1866-1936), aluno de Bréal e de Bergaigne, de Saussure e de Sylvain Lévi, articulou durante toda sua vida – e, em particular, a partir de sua entrada no Collège de France (1906) – uma linguística geral, ocupada com a descoberta de leis igualmente gerais, uma linguística histórica capaz de integrar a psicologia, a antropologia e a sociologia durkheimiana, com o objetivo de compreender – de maneira empírica – as mudanças que afetam uma língua específica. Ao mesmo tempo realidade histórica e social, a língua responde a condições anatômicas, fisiológicas e psíquicas, mas também, e sobretudo, a várias transformações sociais (históricas, geográficas e culturais): “uma pessoa fala de maneira sensivelmente diferente em função de seu estado psíquico e mental em um determinado momento, das pessoas às quais ela se dirige, bem como do lugar, do tempo e das circunstâncias exteriores”².

Eis aí o argumento que Meillet defende em seu artigo “Como as Palavras Mudam de Sentido”, publicado originalmente em 1906 na revista *L'Année sociologique*. Trata-se de um artigo com forte sotaque durkheimiano³, o qual permite a Meillet denunciar, alto e forte, as insuficiências teóricas e metodológicas tanto da linguística do século XIX, que ele acredita muito próxima da filologia, quanto de certas vertentes do início do século XX, por demais marcadas pelas ideias de um Saussure que jamais se preocupou em determinar o motor da mudança linguística.

Meillet, um dos poucos a dominar então a maior parte dos ramos da linguística, torna-se obcecado por essa interrogação. Ele procurou as múltiplas relações a partir das quais a estrutura social

1. Tradução de Rafael Faraco Benthien e revisão de Miguel Soares Palmeira.
2. Antoine Meillet, *Les dialectes européens*, 1908, p. 1 (a tradução do texto citado foi feita por Rafael Faraco Benthien).
3. Dito de um modo bastante simples, para Meillet, trata-se de indicar que toda modificação da estrutura social traduz-se inevitavelmente por uma mudança no emprego da palavra.

influencia diretamente o “sistema” de uma língua, instável por natureza: instável de geração a geração (os filhos não falam exatamente a mesma língua dos pais); instável graças aos empréstimos entre civilizações (guerra, mercadoria, técnica...); instável, enfim, em função dos usos mais ou menos frequentes de uma palavra em um grupo social.

É esse conjunto de elementos que Meillet aborda tanto como linguista quanto como verdadeiro sociólogo⁴.

I. A FORÇA LINGUÍSTICA DE UM TEXTO DE SOCIOLOGIA

Desde a introdução de seu célebre artigo, Meillet define a língua como um “fato social” que, como toda instituição, é independente de cada indivíduo, pois não é dada a eles, de maneira autônoma, a possibilidade de mudar a natureza da língua. Ainda que tenha sido frequentemente reduzido a essa afirmação, “Como as Palavras Mudam de Sentido” é, de fato, muito mais preciso do que parece. Decididamente metodológico, pois trata do comparatismo histórico⁵ e de seu avanço em relação ao método filológico, esse artigo é também programático, dando aos linguistas a possibilidade de pensar o motor essencial das línguas, a saber, a sociedade. Meillet mostra com maestria aos linguistas como reconhecer a contribuição da sociologia, especialmente a da Escola Francesa, por sua maneira de tematizar (pós-Comte) o meio social. Nesse sentido, o linguista afirma que:

[...] se o meio no qual evolui a linguagem é um meio social, se o objetivo da linguagem é permitir as relações sociais, se a linguagem é apenas mantida e conservada por essas relações, se, enfim, os limites das línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais, é evidente que as causas das quais dependem os fatos linguísticos devem ser de natureza social, e que apenas a consideração dos fatos sociais permitirá substituir, na linguística, o exame dos fatos brutos pela determinação do processo – ou seja, o exame das coisas pelo exame das ações, a pura constatação de relações entre fenômenos complexos pela análise de fatos relativamente simples considerados cada qual em seu desenvolvimento particular⁶.

4. Desde 1893, Meillet colabora com a *Revue internationale de sociologie*, da qual participa Gabriel Tarde, e, mais tarde, com *L'Année sociologique*, ocupando-se da rubrica “a linguagem” a partir de 1902.

5. É importante lembrar que Meillet deixou uma grande obra metodológica, na qual aborda diretamente essa questão do comparatismo: Antoine Meillet, *La méthode comparative en linguistique historique*, 1925.

6. Antoine Meillet, “Comment les mots changent de sens”, em *Linguistique historique et linguistique générale*, 1921, p. 232. Ver, no presente volume, p. 33.

Duas outras especificidades vão ocupar por muito tempo Meillet em seu artigo: o caráter descontínuo da linguagem e as condições de sua transmissão.

Quanto ao primeiro caso, ele lembra que a aquisição social da linguagem se faz sempre seguindo uma transmissão descontínua de hábitos socialmente adquiridos. A criança aprende por imitação, com maior ou menor exatidão, a língua dos adultos de seu grupo⁷. Tal ideia será aprofundada por um de seus discípulos mais importantes, Marcel Cohen (1884-1974), grande expoente da sociolinguística dos anos de 1950 e 1960, em sua principal obra, *Pour une sociologie du langage* (1956)⁸.

No que diz respeito às condições de transmissão, Meillet adota o olhar do sociólogo para revelar a importância dos fenômenos de empréstimo. É na primeira parte de seu texto que ele aborda essa questão ao relacioná-la ao difícil problema do desaparecimento do vocabulário. A relação entre estado linguístico e estado social, língua e nação, torna-se assim mais complexa. Com efeito, se as palavras emprestadas são, de início, adotadas por grupos particulares (militares, comerciantes, sacerdotes), existe também para Meillet uma causa interna ao empréstimo. O uso repetido de uma palavra em uma mesma classe enfraquece seu valor e precipita seu desaparecimento! Do mesmo modo, as palavras muito curtas, as palavras às quais faltam meios de expressão, ou aquelas que seriam possíveis causas de confusão, todas correm o risco de desaparecer.

II. AS REGRAS DA MUDANÇA

Partindo dessas particularidades, analisadas em detalhes no texto de *L'Année*, Meillet propõe três regras gerais para explicar a mudança linguística.

Se a mudança pode estar ligada, como provou certo ramo da linguística, tanto à estrutura da frase quanto a determinadas categorias gramaticais (a questão do gênero, por exemplo), ela deve também manter vínculos com uma causa especificamente social. Afinal, as coisas expressas por palavras transformam-se de maneira regular.

Além disso, a mudança se explica em função do pertencimento dos indivíduos a uma ou a outra classe social. Cada classe “colore”

7. Ver, em especial, Marcel Cohen, *Linguistique et matérialisme dialectique*, 1948, p. 14.

8. Marcel Cohen, *Pour une sociologie du langage*, 1956. Para Cohen, assim como para Meillet, não há ausência de movimento na história das línguas. Onde quer que seja, e sempre, a variação depende em primeiro lugar das classes sociais que empregam essas línguas. Há mesmo para Cohen uma ação constante das inovações sociais e dos eventos históricos que deve obrigar o linguista a observar a forma das palavras, as discontinuidades, os pontos de reviravolta que modificam duradouramente a estrutura de uma língua.

de maneira diferente as palavras de uma mesma língua, bem como, sobretudo, ainda especifica Meillet: “uma palavra amplia sua significação quando passa de um círculo restrito a um círculo mais amplo; e ela a reduz quando passa de um círculo amplo a um mais restrito”⁹. A mesma regra permite explicar a variedade geográfica das línguas, assim como a variedade da organização social e doméstica de uma sociedade¹⁰.

Ao enfatizar deliberadamente o aspecto social da língua, Meillet não pode fugir a um último questionamento, também ele propriamente sociológico, que diz respeito à pertença simultânea dos mesmos indivíduos a vários grupos. Disso decorre sua terceira regra: em uma sociedade, é preciso levar em conta a existência de duas forças opostas que se defrontam. Existe, por um lado, a força da sociedade, que “tende a uniformizar a língua”, e, de outro lado, a dos diversos grupos, que tende “a diferenciar [...] o vocabulário dos indivíduos”¹¹. De fato, há tantos vocabulários quanto existem grupos sociais com alguma autonomia na sociedade que fala essa língua.

A posição de Meillet irá evoluir ao longo dos anos de 1920. Com o auxílio da etnologia, ele procurará tornar mais complexas as relações entre indivíduo, sociedade, civilização, mentalidade e língua(s), lembrando com precaução que a mudança linguística é mais lenta que a transformação cultural, ou seja, que certas sobrevivências linguísticas resistem por longo tempo ao desaparecimento de uma mentalidade.

III. A FORÇA SOCIOLÓGICA DE UM TEXTO DE LINGUÍSTICA

Meillet foi certamente influenciado por Durkheim quanto à sua perspectiva sociológica. Não se pode esquecer, contudo, que seu artigo teve, em contrapartida, um impacto direto sobre os sociólogos dessa geração, em particular Lévy-Bruhl e Marcel Mauss¹². É

9. Cf. Antoine Meillet, “Comment les mots changent de sens”, em *op. cit.*, p. 245. Ver, no presente volume, p. 55.
10. Meillet supõe, por exemplo, que a estabilidade de certos idiomas pode ser explicada em função do costume endogâmico de tomar como esposa alguém pertencente ao mesmo clã ou à mesma unidade social. Para os falantes de povos exogâmicos, de outro lado, a evolução linguística é muito mais rápida, graças às diversas influências exteriores às quais eles estão culturalmente submetidos.
11. Cf. Antoine Meillet, “Comment les mots changent de sens”, em *op. cit.*, p. 246. Ver, no presente volume, p. 57.
12. Embora menos conhecido, pode-se considerar como emblemático quanto à recepção das teses de Meillet em sociologia o livro *L'économie politique et la sociologie*, de René Maunier, publicado em 1910 na “Bibliothèque sociologique internationale”. Seguindo os passos do linguista, o autor precisa que a linguagem se encontra determinada por condições econômicas das sociedades, uma determinação tanto mais forte quanto mais baixo na escala de primitividade a sociedade investigada encontrar-se.

mais difícil, de outro lado, falar dos efeitos de seu texto sobre os próprios linguistas, uma vez que Meillet se lamentava, no início da década de 1920, na revista *L'Année sociologique*, da inércia de sua disciplina no que diz respeito às suas principais hipóteses: “a doutrina segundo a qual a língua é essencialmente um fato social não é realmente contestada por ninguém... A prática dos linguistas, contudo, não foi modificada por isso”¹³.

É certo, no que diz respeito a Lévy-Bruhl, que os trabalhos do colega linguista alimentaram sua reflexão a partir de *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures* [As Funções Mentais nas sociedades inferiores] (1910)¹⁴. Quanto a Mauss, a influência de Meillet é mais clara. Lembremos que ele, com Henri Hubert, e ao contrário de Durkheim e dos outros durkheimianos de sua geração, teve uma verdadeira formação de linguista com Sylvain Lévi e Antoine Meillet na École Pratique des Hautes Études [Escola Prática de Altos Estudos]. Além disso, Mauss soube atribuir um lugar central à língua em inúmeros trabalhos, escolhendo, por exemplo, um tema de tese (a Prece¹⁵) que englobava ao mesmo tempo um fenômeno religioso e um ato de fala. É nesse ponto, sem dúvida, que a postura defendida por Meillet encontra seu maior intérprete no campo da sociologia e da etnologia. Mauss jamais deixou de repetir – o cerne do que dizia Meillet – que a língua é o fenômeno mais característico da vida social: “todas as outras atividades da sociedade vêm, em princípio, expressar-se nele (no fenômeno linguístico); ele condensa os dados e transmite as tradições. Nele reside a maioria das noções e das ordens das coletividades”¹⁶.

13. Antoine Meillet, “Linguistique et sociologie”, *L'Année sociologique*, nova série, t. I (1923-1924), 1925, p. 941 (publicado no presente volume como Anexo 4). Notemos uma exceção: o caso de Joseph Vendryes (1875-1960), que em seu livro *Langage* destinou um capítulo à questão “como as palavras mudam de sentido”. Como Meillet, ele insiste na usura fonética das palavras, ou homonímia, mas reafirma, sobretudo, a ação do meio social. A transformação das palavras pode ser explicada por convenções, tipos de atividades, transformação dos costumes e empréstimo (empréstimos junto aos linguajares locais, às gírias, às línguas estrangeiras, às línguas mortas etc.). Ver Joseph Vendryes, *Le langage, introduction linguistique à l'histoire*, 1921.

14. Cf. Lucien Lévy-Bruhl, *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, 1910 (com uma nova edição em 1928). Este foi o primeiro de seis livros de Lévy-Bruhl sobre a questão. Ver, sobre o diálogo entre Lévy-Bruhl e Meillet: Dominique Merllié, “Note sur la correspondance Meillet/Lévy-Bruhl”, *Histoire épistémologie langage*, t. 12, n. 1, 1999, pp. 169-176.

15. Ver, por exemplo, a afirmação de Mauss: “a prece é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem uma finalidade e um efeito; ela é sempre, no fundo, um instrumento de ação [...]. Falar é ao mesmo tempo agir e pensar: eis por que a prece provém da crença e do culto”. Cf. Marcel Mauss, “La prière” [1909], em *Idem, Œuvres*, t. I, 1969, pp. 355-477.

16. Cf. *Idem*, “Divisions et proportions des divisions de la sociologie” [1927], em *Œuvres*, t. III, 1969, pp. 191-192.

Como Meillet, que adotou nos anos de 1920 a etnologia para endossar sua linguística, Mauss vai também buscar, embora em outro sentido, a articulação de sua etnologia (fundamentalmente etnográfica e empírica) com a linguística, ao menos quanto a certos fatos que a linguística de Meillet soube explorar, tais como os tabus linguísticos. Se Mauss advoga em favor dessa linguística, isso se deve ao fato de Meillet ter tido o cuidado de a colocar em relação, sempre, com os fatos concretos. O observador terá o zelo de analisar, "em profundidade", a lexicografia, as relações entre as classes nominais e os objetos, bem como, sobretudo no caso dos fenômenos religiosos e mágicos, a eficácia da palavra.

"Como as Palavras Mudam de Sentido", central para se compreender as relações da linguística com a sociologia durante a primeira metade do século XX, ao menos antes de a linguística tornar-se a disciplina pivô das ciências humanas com o estruturalismo, pode ser lido de diferentes pontos de vista. Ele é, em todo caso, mensageiro de novas hipóteses relativas à questão da relação entre língua, tipo de sociedades e sistemas de pensamento. Trata-se, hoje, de hipóteses contestáveis, em função de suas generalizações por vezes exageradas. Não obstante, elas marcam um momento importante das pesquisas tanto linguísticas quanto sociológicas.